

Cheguei a Manaus a 13 de outubro de 1985 na esperança de poder embarcar no avião que deveria partir no dia 16 à Missão Salesiana Pari-Cachoeira, rio Tiquiê. De lá se guiria em canoa até a aldeia de São João para realizar meu trabalho de campo entre os índios Desâna.

Essa viagem havia sido programada para março de 1985 e teve de ser adiada várias vezes. Primeiro, porque, com a descoberta de ouro no rio Tiquiê, meu principal informante, Tolamã Kenhíri, cujo nome cristão é Luiz Lana, me comunicou, por carta, que não estaria na aldeia, uma vez que ele e a maioria dos homens do seu clã estava indo ao garimpo da Serra de Traíra, em território indígena.

Em junho de 1985, a convite de Carlos de Araújo Moreira Neto, que havia assumido a direção do Museu do Índio, da FUNAI, três meses antes e, em consequência da aposentadoria da museóloga Marília Duarte, passei a trabalhar nesse Museu, com contrato de assessor válido por dois anos. Tive então de enfrentar a difícil tarefa de organizar e localizar topograficamente as coleções com a ajuda de duas estagiárias de museologia. Ao mesmo tempo iniciei o trabalho de um glossário de artefatos indígenas, com estrutura de thesaurus, em colaboração com o Programa Nacional de Museus (Ministério da Cultura), na pessoa de Adalgisa Bomfim d'Eça, museóloga do PNM.

Devido a compromissos assumidos com o CNPq e o National Geographic Society, de Washington, que me forneceu verba para a pesquisa no alto rio Negro, decidi interromper o trabalho no Museu do Índio, deixando, no entanto, as estagiárias para continuá-lo sob a orientação de Adalgisa Bomfim d'Eça. Para isso pedi licença sem vencimentos à FUNAI.

Infelizmente, por falta de combustível e outros motivos técnicos, os vôos da FAB às áreas indígenas do alto rio Negro foram suspensos por quase um mês. Assim, tive de permanecer em Manaus entre 13 de outubro e 5 de novembro. Hospedei-me no INPA e aproveitei o tempo para adquirir mapas, consultar a biblioteca desse Instituto e as coleções do Museu da Missão, tomar contatos com o departamento de botânica do INPA e com antropólogos amazonenses. Proferi uma palestra na Universidade do Amazonas, a convite do Prof. José Ribamar Bessa e dei entrevistas à TV Educativa, TV Ajuricaba e à imprensa local.

Verifiquei ser impossível levar um coletor botânico do INPA devido às dificuldades de vaga nos aviões e a constante suspensão de vôos. Mas soube que o índio com quem iria trabalhar, Luiz Lana, havia sido treinado no INPA pelo prof. Pedro Ivo Braga, num estágio realizado ao tempo da gestão do Dr. Warwick E. Kerr, e já estava fazendo coletas de plantas para o herbário dessa instituição.

Durante o período em que permaneci em Manaus pude também terminar a redação de um artigo intitulado "A mitologia pictórica dos Desâna". Trata-se de um estudo sobre desenhos de dois artistas dessa tribo, Feliciano Lana e Luiz Lana, em que fazem a transcrição pela imagem do mito de criação Desâna. Isto é, a transposição de um texto oral para uma "narrativa gráfica". Essa linguagem visual, descritiva, é comparada com desenhos recolhidos por G. Reichel-Dolmatoff entre grupos Tukano da Co-

lômbia, nos quais transcrevem as visões percebidas por efeito da ingestão de um alucinógeno: Banisteriopsis caapi. Nos dois casos, trata-se de analogias e metáforas de temas míticos. Entretanto, os dois artistas Desâna, devido à sua escolarização e elevado grau de aculturação, não utilizam e até desconhecem os "signos ideográficos", que é como Reichel-Dolmatoff considera os desenhos, não figurativos por ele recolhidos. Aqui a narrativa é extrapolada, e os temas só podem ser inferidos pelos comentários feitos pelos índios a pedido do antropólogo. No caso dos dois Lana, os "textos visuais" acompanham "textos narrados". Esse trabalho deverá ser publicado numa coletânea sobre arte indígena organizada pela Profª Lux Vidal para a editora Nobel, S.Paulo.

Permaneci em São João, rio Tiquiê, durante 3 meses. Nesse período redigi, junto com meu colaborador Desâna, Luiz Lana, um artigo intitulado "Chuvvas e constelações: calendário econômico Desâna", tema pouco ventilado na bibliografia etnológica brasileira. Ou seja, o calendário das atividades de subsistência de um grupo indígena, os Desâna do rio Tiquiê, marcado pelo aparecimento das constelações.

Com efeito, o conhecimento empírico dos Desâna classifica o clima de sua região em certo número de verões, alguns muito curtos, outros um pouco mais prolongados, entremeados por chuvas, estas últimas anunciadas pelo aparecimento de constelações. Ambas são registradas no artigo na língua desâna e tükano, segundo a classificação taxonômica dos índios.

A estas chuvas e constelações estão associados ciclos econômicos naturais. Ou seja, o início, amadurecimento e término da safra de determinadas frutas; a ocorrência de piracemas e subidas de cardumes de certos peixes; safras de insetos como a maniuãra, a saúva, o cupim alado, a formiga da noite, de grande importância alimentar. E ainda outros invertebrados comestíveis, como certas espécies de lavras de borboletas e gafanhotos.

As referidas mudanças climáticas se vinculam também ao ciclo agrícola, uma vez que, nesses curtos verões se efetua a queima das roças. A maturação da mandioca, principal fonte de aminoácidos, não é marcada pelas chuvas e constelações.

Para tornar as constelações e os referidos insetos e lavras de borboletas identificáveis cientificamente, pedi a Luiz Lana que os desenhasse. Esse trabalho, a ser assinado em co-autoria com Luiz Lana, deverá ser resumido para publicação no anuário do National Geographic Society, no qual são divulgados os resultados das investigações custeadas por essa instituição. E será oferecido para publicação na íntegra à ACTA AMAZÔNICA, periódico do INPA. Dessa forma, Luiz Lana, que já é co-autor com seu pai, Umúsin Panlõn Kumu, de uma coletânea de mitos - ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA (Ed. Cultura, S.Paulo 1980, 239 p. 50 ils.) - que também ajudei a redigir e editar, enriquecerá sua bibliografia com um outro trabalho, consolidando sua reputação de intelectual indígenas amazonense.

"Chuvvas e constelações" deverá encabeçar a monografia que pretendo concluir em breve. Ela reunirá dados coligidos em 1978, nos rios Tiquiê, Uaupês e Aiari (afluente do r. Içana), para minha tese de doutoramento: segunda parte de "A civilização da palha - a arte do trançado dos índios do Brasil", Faç. Fil. Letras e C. Humanas, USP, S.Paulo, 1980, ms.. Intitular-se-á "Os índios das águas pretas: modos de produção e equipamento produtivo", com o seguinte conteúdo:

Prefácio

Introdução: Sociedade Desâna. Estrutura social e sistema de parentesco.

1. Chuvas e constelações
 - a) O ciclo constelar. b) o ciclo do peixe. c) O ciclo dos invertebrados comestíveis
2. Instrumental cesteiro no processamento da mandioca
 - a) A classificação dos solos. b) A roça. c) A mandioca na alimentação indígena. d) A tecnologia alimentar. e) Cestos e outros implementos.
3. Implementos na tecnologia da pesca
 - a) O rio e seus peixes. b) Os cestos-armadilhas e outras técnicas de pesca.
4. O sistema de trocas
 - a) Hierarquia e simbiose. b) A especialização artesanal. c) Os objetos-insígnia. d) Os desenhos do trançado.

Conclusões: modo de produção e intercâmbio

Bibliografia

Apêndice: Etnobotânica Desâna

O capítulo intitulado "Instrumental cesteiro no processamento da mandioca, constante, como os demais, do texto original, foi enriquecido com informações sobre a classificação dos solos, pelos Desâna, amostras dos quais foram oferecidas para exame quanto à composição química dos nutrientes à EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisas Agro-pecuárias). Foram coletadas amostras de terra virgem arenosa no segundo ano de cultivo, do mesmo tipo de solo de capoeira, ainda produtiva, e capoeira abandonada por exaustão da terra.

A tecnologia alimentar foi igualmente detalhada e obtidas informações sobre cultivares, atuais e "prístinos", ou seja, aqueles que os índios consideram trazidos por seus ancestrais fundadores e dos quais provêm os que plantam atualmente.

Foi também revisto e melhorado o capítulo sobre o instrumental cesteiro e outros implementos para a captura de peixes. Contudo, as informações mais significativas a esse respeito foram concentradas no primeiro capítulo: "Chuvas e constelações".

O capítulo quarto, referente ao sistema de trocas, foi inteiramente refeito e ampliado com informações sobre o modelo de intercâmbio entre grupos indígenas de hierarquia mais alta ou mais baixa no rio Tiquiê. E dada maior ênfase aos objetos-insígnia que conferem status hierárquico individual, clânico ou tribal.

Do trabalho constará, ainda, um apêndice etnobotânico contendo informações sobre o uso de plantas artesanais, fruteiras nativas ou plantadas, cultivares de mandioca e de pimenta.

Junto com Luiz Lana, durante minha permanência no campo, fiz a coleta e secagem de 35 plantas artesanais. São materiais botânicos utilizados na feitura de cestos, armadilhas, construção de casas, canoas, remos, plantas tintórias e mordentes. Além destas, Lana coletou outras 52 espécies empregadas principalmente na medicina indígena, enviadas ao INPA entre 1980 e 1984. Essas plantas, devidamente descritas em fichas preparadas pelo INPA, foram identificadas por Dionísio Fernandes Coelho, do Departamento de Botânica daquele Instituto.

Nestas circunstâncias, para terminar a redação da monografia, ficará faltando o

prefácio, conclusões e revisão geral do texto à luz de leituras que ainda não puderam ser feitas. E, ainda, uma última visita ao campo para tirar quaisquer dúvidas.

Com base na temática dessa monografia, redigi o roteiro de um filme-documentário que espero possa ser realizado na região, sobretudo junto à comunidade que estou estudando. Isso exigirá uma nova etapa de trabalho de campo de cerca de dois meses. Deverá ser um documentário de longa metragem, filmado em 16 mm, constante de quatro partes.

A primeira constará de uma introdução etnográfica e histórica que instrua o espectador quanto à natureza da área cultural do alto rio Negro: rio Içana e Uaupês com seus afluentes, rios Papuri e Tiquiê. Mostrará a ocupação histórica de tribos extintas e as que a habitam atualmente. Para ilustrar alguns temas dessa introdução recorrer-se-á à iconografia de antigos cronistas, etnólogos e naturalistas, bem como a desenhos em guache feitos, a meu pedido, por um artista Desana: Feliciano Lana que, à maneira de história em quadrinhos relata a lenda de criação de sua tribo.

A segunda parte versará sobre a cultura da mandioca, iniciando-se com a classificação dos solos, segundo a taxonomia indígena, a agricultura de coivara, os cultivos de mandioca e o seu processamento em uma série de produtos: farinhas, beijos, bebidas fermentadas ou não-fermentadas.

O terceiro segmento tratará da tecnologia pesqueira em que serão apresentadas as sofisticadas armadilhas de pesca e outras técnicas desenvolvidas pelos índios do alto rio Negro para captar uma fauna aquática escassa e dispersa.

A quarta e última parte focalizará a economia paralela ao modo de produção indígena, em função do contato com o branco, e os sucessivos ciclos econômicos extrativistas em que foram engajados. Ênfase especial será dada à atividade artesanal para o mercado externo, que vigorou entre 1972 e 1985, agora obsoleta nos rios Tiquiê e Içana devido à descoberta de jazidas de ouro nesses dois rios.

O documentário culminará mostrando o atual ciclo de fiação de ouro que promete abrir uma nova etapa não só econômica mas também de profunda mudança cultural. A documentação de um conflito havido no garimpo da Serra de Traíra, rio Tiquiê, em outubro de 1985, entre índios e garimpeiros brancos, de que resultou a morte de quatro deles, será ilustrada com guaches de Feliciano Lana.

Como se vê, o filme terá como foco e ênfase as tecnologias de subsistência, ainda vivas e operantes em toda a área e até mesmo para os grupos Tukano da Colômbia conforme indica a bibliografia a seu respeito. E culminará com a realidade presente: a perspectiva de uma prosperidade jamais antevista em face da descoberta de ouro, mas também de grandes tensões e conflitos. Seu objetivo mais alto será o de contribuir para apressar a demarcação das terras que os grupos do alto rio Negro ocupam milenarmente. E, dessa forma, preservar sua autonomia e o patrimônio de saber ecológico que ainda conservam, bem como defender o ecossistema de uma vasta área ameaçado de depredação e aviltamento (Ver ante-projeto e roteiro de filme com o texto da narração).

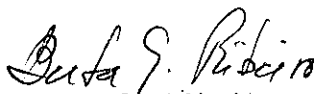
Além das 23 estampas sobre o mito da criação, obtive de Feliciano Lana 47 desenhos em guache dujas legendas redigi com sua ajuda e que poderão ser utilizados como

audio-visual ou filmado para a televisão educativa para passar em programa infantil. Intitula-se "A história de Gain Pañan e da pupunheira que ele trouxe do mundo invisível dos peixes". Encomendei a Feliciano e a Luiz Lana a "narração pictórica" de outros mitos que, reunidos aos que já possuo, poderão dar lugar a uma exposição dos dois artistas.

Devido à fiação do ouro, a produção de artesanato para a venda foi praticamente interrompida no rio Tiquié. Ainda assim, obtive de um dos melhores artesãos Desana, Feliciano Lana, cinco miniaturas de armadilhas de pesca e todo o equipamento cesteiro para o processamento da mandioca. Esses artefatos serão objeto de uma possível exposição no Museu do Índio ou em outro local. Com argila trazida de uma localidade próxima a São João, uma vez que nesta não existe barro apropriado, mandei fazer duas peças de cerâmica para documentar com fotos a confecção e a pintura em negativo. Mande também laquear duas cuias, trazendo amostras dos materiais botânicos empregados para identificação no INPA.

Caso o National Geographic Society concorde, o salto de minha verba de pesquisa será utilizado para a volta ao campo, em futuro próximo, seja para conferir meus dados, seja para inclusive produzir o filme. Com essa quanti custearei o meu transporte e estadia na área por um período de dois meses, utilizando-a também para pagar a participação dos índios no filme, especialmente da família Lana.

Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1986


Berta G. Ribeiro
Bolsista do CNPq